

## **A HUMANIDADE AINDA PRECISA DOS HISTORIADORES?<sup>1</sup>** **Reflexões sobre a escrita da história e o papel do historiador no tempo presente**

Sônia Meneses\*

**Resumo:** Esse texto visa problematizar questões sobre o ofício do historiador e os desafios colocados à escrita da história na atualidade. Propomos o olhar para os lugares fronteiriços nos quais a história se manifesta como prática humana e conhecimento social destacando a força inegável que assumiu os usos sobre o passado em um momento no qual a memória e o esquecimento são postos como referências fundamentais de constituição de nossas sociedades.

**Palavras-chave:** História, Historiador, Intelectual, Tempo presente.

### **Résumé**

L'article vise problematiser questions sur le métier de l'historien et les défis posés l'écriture de l'histoire dans l'actualité. Nous proposons le regard pour les places frontalières dans lesquelles l'histoire si manifeste comme pratique humaine et connaissance sociale en détachant la force indéniable qui a supposé les utilisations sur le passé au moment où la mémoire et l'oubli sont références fondamentales.

Sendo historiadora pode parecer estranho iniciar um texto de reflexão sobre nosso ofício, com uma questão quanto à necessidade ou não dos historiadores no mundo contemporâneo. É provável que a resposta a essa pergunta se apresente como uma imediata afirmativa para todos os historiadores que se depararem com esse texto; afinal, qual de nós colocaria em xeque a importância de sua atuação na sociedade da qual fazemos parte?

Entretanto, embora esteja tentada a embalar o coro corroborando com a afirmativa de que sim, somos necessários por vários argumentos que possam ser elencados, vou ousar realizar aqui um exercício de problematização antes compor o refrão. Lanço ainda duas outras questões: não seria importante nos interrogarmos sobre o que as sociedades contemporâneas esperam de nós? O que esperam que seja a história?

Nessa empreitada, para relembrar as questões colocadas por Michel de Certeau, começo partindo do meu próprio lugar social: professora em uma universidade pública cearense, pesquisadora sobre a interferência da mídia em nosso ofício, aluna de uma pós-

---

<sup>1</sup> Ensaio apresentado no seminário de conclusão da disciplina “*Os sentidos da história: tempo, narrativa e memória*” do curso de pós-graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense-UFF, ministrada pelos professores: Ana Maria Mauad e Fernando Dumas no segundo semestre de 2008.

\* Professora de teoria da história na Universidade Regional do Cariri-URCA, doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Desenvolve pesquisa sobre as relações entre história e mídia no tempo presente.

graduação no sudeste brasileiro, vinda de uma invenção, tantas vezes repetida em filmes, jornais e televisão, chamada nordeste. Sou historiadora no Brasil, cujo espaço acadêmico historiográfico é uma tradição bastante recente se comparada a outros países, dos quais tomamos conceitos, problemas e reflexões para pensarmos nosso próprio lugar.

É provável que os espaços que constituem meu lugar de fala, sejam por sua vez, entre-lugares, posto que, cada um deles se caracteriza por uma latente tensão em relação ao que se desenha como padrão de universidade, objeto de estudo ou ambiente de produção do conhecimento, o que para mim, lembrando Homi Bhabha, em muitos momentos se configura numa experiência “de transito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (2007: 19).

Sempre nos preocupamos em fazer compreender/explicar como as sociedades se organizam temporalmente, suas formas de representação, costumes e pensamentos. Contudo, poucas vezes somos levados a interrogar, com franqueza, esse saber que interdita e permite; a encarar os problemas de suas explicações e de seu discurso. Provavelmente, porque estamos ocupados fazendo história, podem dizer alguns, mas como nos alerta Certeau (2002: 76), talvez “antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela”, o que nos levará, conseqüentemente, a olharmos para o papel que desempenhamos nesse trabalho.

Justamente, pelas frestas de meus deslocamentos e pelas sobreposições de minhas experiências nesses vários lugares, experimento a dispersão de meu tempo o que me leva mais uma vez a concordar com Bhabha (2007: 23) quando afirma que “o presente não pode mais ser encarado simplesmente como ruptura ou vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa auto-presença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias”.

Isso porque o nosso próprio presente se constitui um entre-tempo situado no meio das designações de passado e o futuro; o tecido imaginário que liga diferenças, signos e formas de representação temporal que faz do “nosso tempo” um lugar não somente de rupturas ou continuidades, mas o amalgama que define outras formas de percepção do tempo, o momento de explosão<sup>2</sup> que foge do continuum da história, o “além” que ainda não se situa totalmente nem em termos de lembranças nem de projeções. É o tempo que congrega o ir e vir em termos simbólicos e que somente se coagula em experiência na medida em que se torna passado.

---

<sup>2</sup> Expressão usada por Walter Benjamin para se referir ao presente.

Ao me deparar com esses lugares fronteiriços, interrogo-me sobre o papel da história em nossos dias, melhor dizendo, a força inegável que assumiu os usos sobre o passado em um momento no qual a memória e o esquecimento são postos como referências fundamentais de constituição de nossas sociedades. Esse fluxo está além da constatação vulgar do passado como fornecedor de efemérides. Estamos falando de um momento que reivindica um passado alçado ao primeiro plano de expectativas que antes se direcionavam ao futuro. O presente, antes lugar das projeções e prognósticos – o que não deixou de ser totalmente – manifesta-se principalmente como o tempo da reparação da restituição e da celebração dos mortos. Atitudes que são capazes de influenciar de maneira categórica a sistematização de políticas públicas de memória; grandes projetos cujo mote é o ressarcimento do passado.

As sensibilidades em relações ao tempo ganharam novos contornos, sobretudo, quando o ocidente viu emergir, em diversos países, a tentativa de monumentalização do presente, agora saturado pelos rastros de um passado cada vez mais marcante no cotidiano. Se, como afirmou Koselleck (2002), antes o presente carregava um forte potencial de futuridade, amparado por uma tradição filosófica e religiosa de caráter teleológico, no século XXI assistimos a um tempo preso em um paradoxo entre a manutenção do que passou e o medo da obsolescência.

Essa reordenação remete aquilo que Nietzsche chamara atenção no século XIX, quando advertia sobre o os riscos de excesso de passado no presente. Para ele, “a história pensada como ciência pura e tornada soberana seria uma espécie encerramento e balanço da vida para a humanidade” (NIETZSCHE; 1991: 24). Erradicava a vida, porque lhe interessava apenas o passado morto, tornado conhecimento enciclopédico que desenraizava e ordenava memórias para que, posteriormente, fossem consumidas “sem fome e mesmo contra a necessidade” perdendo seu caráter transformador.

Nietzsche se referia, sobretudo, à intenção historicizante de seu próprio tempo, considerado momento capital na estruturação do campo científico da história. Ao se interrogar sobre “até que grau a vida precisa em geral dos serviços da história”, lançava um olhar crítico para uma sociedade na qual o conhecimento histórico jorrava “de fontes inexauríveis, sempre novo e cada vez mais” fazendo com que o estranho, o estrangeiro e o desconexo entre si se aglomerassem em uma intenção universalizante, condenando ao homem moderno “a arrastar consigo, por toda a parte uma quantidade descomunal de indigestas pedras de saber”. (Idem: 26)

Mas, se aos olhos do filósofo o excesso da ciência histórica e suas pretensões de domesticação do passado causavam incomodo, o que dizer da produção desenfreada de

memória nos dias de hoje que interfere de maneira contundente na formulação de sentidos históricos? O final do século XX assistiu ao desenvolvimento de uma consciência histórica difusa, reticular que segue engendrando uma complexa construção de significados incessantemente renovados. Estabeleceram-se formas de experiência que modificaram drástica e rapidamente as percepções sobre o tempo e o espaço, o que pode ser percebido em uma crescente musealização no cotidiano, termo utilizado pelo filósofo alemão, Hermann Lübbe em princípio dos anos 80, para destacar o deslocamento da sensibilidade temporal

Tal dilema é estimulado pelos incessantes avanços tecnológicos que tornam ultrapassadas as mais espetaculares descobertas em questão de meses, bem como pelas ansiedades decorrentes da fluidez das relações humanas e a quebra dos tradicionais laços subjetivos e identitários. Um mundo que oprime pelo excesso e pelo controle exercido pela visibilidade, no qual a “vigilância do politicamente correto às vezes asfixia a criatividade lingüística e a inovação estética” (Cancline; 2007: 26).

No século da sedução pelo acontecimento, objeto oferecido tal qual mercadoria em uma feira barulhenta, a idéia do acontecimento memorável se tornou presença quase indelével nos dias de hoje, numa ditadura ansiosa, nervosa e irremovível pela novidade. Como efeito mais imediato desse momento, deparamo-nos com a sensação de aceleração temporal, fazendo com que estejamos constantemente assombrados pela impossibilidade de não conseguirmos acompanhar a rapidez dos eventos.

Nessa ruidosa rede de novos signos “mais do que generalizar conclusões, mudam as perguntas sobre o local, o nacional e o transnacional, sobre as relações de trabalho, consumo e território, ou seja, alteram a articulação que dava sentido a bens e mensagens” (CANCLINE, 2007: 20), em um momento que não espera o passado passar para significá-lo em um mundo em travessias. Sentimento que talvez nunca tenha sido tão intenso, especialmente, quando cada um de nós, mesmo em suas cadeiras em frente a computadores, sente-se, contraditoriamente, em um movimento que muitas vezes nos desenraiza sem sairmos do lugar.

Um mundo multicultural e multiculturalizado saturado por vozes que falam em nome de alguém, e muitos “alguéns” que reivindicam falas silenciadas por séculos. Emergem daí as contradições de uma globalização de atuação desigual, na qual diversos permanecem invisíveis e desconectados. Um sistema global em termos de mercados financeiros desregulamentados, cujo fluxo de moedas é grande o suficiente desestabilizar economias médias, ou emergentes, um sistema que, além disso, coloca em cena uma economia mundial do conhecimento e da informação jamais imaginada. Como nos adverte Stuart Hall (2006:56)

um sistema que continua sendo “de desigualdades e instabilidades cada vez mais profundas, sobre o qual, nenhuma potência (...) possui controle absoluto”.

Nesse constante vir a ser, os prognósticos sobre o futuro cedem lugar às lembranças de um tempo aparentemente retido em todas as cenas capturadas pela máquina digital, filmadoras, scanners, gravadores, mp4, etc. apresentados em uma violência mercadológica impossível de ser acompanhada por qualquer vida humana o que pode representar de maneira metafórica uma sociedade que inventou a comercialização em massa da nostalgia, como nos lembra Huyssen (2000).

Tornamo-nos colecionadores vorazes de bens culturais amparados pela quase ilimitabilidade de registros e formas de armazenamento. Constrói-se a quimera do alcance de um passado completo a partir da utopia de um arquivo total, que seria possibilitado pelo desenvolvimento dos novos recursos tecnológicos,

A idéia de privacidade foi diluída no espaço público sob o argumento de que, a sociedade tem que ser abastecida incessantemente pela informação posto que, “a opinião pública precisa saber”. Nesse contexto, o argumento, muitas vezes falacioso, da publicização total esconde a dissimulação de interesses, a manipulação da informação e o próprio papel de formulador e selecionador de eventos desempenhado pelos meios de comunicação. A espetacularização do vivido trouxe a tona não somente a exploração dos grandes eventos, mas também, nos levou ao culto ao grotesco, ao pitoresco e à violência cotidiana como se fossem tramas encenadas para satisfazer espectadores que já não se saciam mais com o folhetim das sete.

Desenraizamos os referências de memória arrastando-os para contextos humanos distintos. Homi Bhabha (2007: 23) nos adverte que para pensar esse momento, a história tem que abandonar sua mão-morta, aquela “que conta as contas do tempo seqüencial como um rosário, buscando estabelecer conexões seriais, causais”; incentiva-nos, sobretudo, a investigarmos o trabalho fronteiro da cultura, no qual haja um encontro com o “novo que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria a idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente’ torna-se parte da necessidade e não da nostalgia de viver” (BHABHA; 2007:27).

A partir dessa proposição possivelmente, possamos considerar que pensar o entre-lugar, nos dias de hoje, é justamente pensar um mundo de comunidades diaspóricas, intercambiáveis, ou para mencionamos o conceito de Hall (2007), híbridas. Comunidades que

são obrigadas a operar traduções culturais em seus lugares de saída e chegada, num processo que nunca se completa totalmente no qual “as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas” (HALL: 72).

Lugares de experiência subjetiva, que criam memórias e narrativas de si e do outro. Espaços de significação que comportam por sua vez vários tempos, talvez, uma temporalidade intervalar que conjura a dispersão de vários signos e sensibilidades; o que me faz lembrar o polêmico documentário de Marcos Prado que, ao narrar o cotidiano dos catadores de lixo do aterro do Gramacho, no Rio de Janeiro, depara-se com a desconcertante Estamira<sup>3</sup>, personagem que posteriormente se tornará o foco de seu filme.

Estamira, mulher goiana, moradora da periferia carioca, prostituída na adolescência, espancada pelo marido, mãe solitária, vítima de estupro, catadora de lixo. Por muitos, considerada louca e feiticeira, grita em pleno aterro do Gramacho: “- eu sou a beira do mundo!”. Como que num lampejo, parece enxergar o tempo e lugar nos quais, muitos ficaram depositados. Como diz ela própria, o lugar dos “restos”, ou dos “descuidos”; o abismo do mundo conectado. Estamira, assim como os demais freqüentadores e por vezes moradores do Gramacho são ao mesmo tempo, diferentes, desiguais e desconectados, talvez, mais uma categoria ainda os acolha: esquecidos.

O aterro do Gramacho representa ainda outra face dessa globalização: a confrontação com os excessos de uma corrida desastrosa do consumo, cujos efeitos ambientais e sociais, ainda não parecem suficientemente preocupantes para nossas sociedades. Um momento que se caracteriza por uma hipertrofia do desejo e da insatisfação, cotidianamente, animados pelo furor da publicidade, que parece nos estimular um “pendor contemporâneo para ilusão”, (...) “um mundo sem dúvida vistoso, mas não bonito; intenso, mas não agradável; potencializado por novas energias e recursos; mas cada vez mais carente de laços afetivos e de coesão social”, chama-nos atenção Sevcenko (2006; 81, 83).

Marc Bloch, pouco antes de morrer, ao escrever na prisão as anotações que se tornaram o clássico livro, *Apologia à História ou ofício do historiador*, perguntava-se, caso ele, historiador, poderia realmente ter compreendido o significado de uma guerra, de uma

---

<sup>3</sup> Documentário dirigido e produzido por Marcos Prado, lançado em 2004, conta a história de Estamira, “mulher de 63 anos que sofre de distúrbios mentais e vive e trabalha há mais de 20 anos no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho (...) que recebe diariamente mais de oito mil toneladas de lixo produzido no Rio de Janeiro. Com um discurso eloqüente, filosófico e poético, a personagem central do documentário levanta questões de interesse global como o destino do lixo produzido pelos habitantes da metrópole e os subterfúgios que a mente humana encontra para superar uma realidade insuportável de ser vivida” (Fonte: site do filme no end. <http://www.estamira.com.br/>)

derrota ou de uma vitória, se o homem, cidadão francês e pai – não estivesse vivendo aquele momento.

As últimas reflexões de um homem que dedicou a vida a pensar história, sempre me levam a perguntar: o que afinal, é ser historiador na atualidade? Isso necessariamente nos remete a uma reflexão sobre o papel do intelectual na contemporaneidade, questão extremamente complexa. É redundante dizer que nós, historiadores de ofício, acostumamos-nos a falar para nós mesmos, como que para por a prova a eficácia de nossas proposições teóricas e metodológicas e boa parte se contentou em fazer valer a força do campo, conceito formulado por Bourdieu, para o qual nos acostumamos a dizer: “que assim seja!”, o que parece ter nos conformado a uma condição de copiladores críticos do passado, dessa forma, como afirma Certeau:

*O discurso assume uma cor de parede ‘neutra’. Transforma-se mesmo numa maneira de defender lugares ao invés de ser o enunciado de ‘causas’ capazes de articular um desejo. Ele não pode mais falar daquilo que o determina: um labirinto de posições a respeitar as influências a solicitar. (CERTEAU; 2002:76)*

A humanidade ainda precisa dos historiadores? Penso que Said (1994) em certo sentido nos ajuda a responder essa pergunta quando reflete sobre o papel do intelectual em nosso tempo. É provável que necessite, sobretudo, daqueles embaraçosos e não somente do membro competente de uma instituição. Nesse caso, concordo com quando ele destaca a necessidade do exercício do papel público do intelectual “que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses” (Said: 25).

Os problemas do mundo contemporâneo esperam por novas respostas e atitudes frente à compreensão do passado. Inquestionavelmente, devemos enfrentar a necessidade de reflexão sobre a memória e a história que, cotidianamente, assumem dimensões bastante distintas daquelas com as quais nos acostumamos em regimes de historicidade anteriores. A profusão de registros e as narrativas com as quais os acontecimentos contemporâneos nos são apresentados, alertam-nos que a história, entendida como campo do conhecimento, atualmente também se manifesta como um espaço em travessias, lacerada por demandas inumeráveis. Propaga-se a qualificação de “histórico” aos quatro ventos como se o passado fosse a chave de justificativa para as mais variadas ações em nosso dia-a-dia.

É desnecessário repetirmos a comprovação de que cada tempo constrói sua própria historiografia, contudo, essa confortável constatação não nos deve eximir de enfrentarmos,

assim como Bloch, as vitórias, derrotas, frustrações e problemas de nosso próprio tempo, mesmo se o que tentamos entender é um tempo que não existe mais.

Se o mundo que vivemos é um mundo em travessias, talvez nós, historiadores, somos chamados a atravessar também nossos próprios territórios e fronteiras, desafiados a experimentar os limites de nossas possessões, de nossos cantos e canteiros para que, dessa maneira, consigamos enxergar as intrigas de uma história que se desenha muito além de nossas abrangências tradicionais.

Para concluir, numa tentativa de exercício dessa travessia, finalizo esse breve ensaio com dois autores que, como poucos, souberam falar de seu tempo. Jorge Luis Borges e Saramago.

Perdido em meio às suas infinitas lembranças, Irineo Funes, o Memorioso, solta o seguinte lamento:

*Mais lembranças tenho eu do que todos os homens tiveram desde que o mundo é mundo. E também: Meus sonhos são como a vossa vigília. (...) Minha memória, senhor, é como depósito de lixo. (Borges; 1974)*

Esse inquietante personagem foi imaginado por Jorge Luis Borges, escritor argentino que, pela fatalidade de uma doença degenerativa, desde cedo começou a perder a visão. Curiosamente, embora a doença o impossibilitasse de olhar o mundo por seus próprios olhos, o enxergava pela literatura e é através de sua obra que conhecemos o intrigante Irineo Funes.

Para Funes, cada lembrança tornava-se outra, cada dia podia ser recordado em todos seus detalhes; o Memorioso guardava dentro de si todas as imagens, sons e dores que via e vivia, “podia reconstruir todos os sonhos, todos os entresonhos”. Irineo era, no dizer de seu próprio criador, “o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intolerantemente preciso”, distrair-se do mundo lhe era impossível, pois sua existência era um insuportável ato de recordação. Embora enxergasse tudo, o Memorioso era cego, porque não podia escolher, em meio o amontoado colossal de suas lembranças, o que o que deveria ser esquecido.

Se Luis Borges criou um personagem aprisionado e cego pelo peso de suas lembranças, Saramago em sua obra, Ensaio sobre a Cegueira, apresenta uma sociedade atingida pela repentina e inexplicável perda da visão.

De súbito seus personagens começam a ser acometidos por uma estranha cegueira branca, disseminada como uma praga incontrolável entre os habitantes daquele país imaginado. Ao invés de escuridão, era uma claridade violenta que os impedia de enxergar.

Saramago não situa seus personagens em nenhum lugar com precisão, em nenhum tempo cronológico, porque, possivelmente, queira nos dizer que a “rapariga de óculos escuros”, “o médico”, “o ladrão”, ou a “mulher do médico” sejam ou estejam em cada um de nós. Somos dessa forma povoados tanto pela cegueira da indiferença ou desafiados à difícil tarefa de enxergar quando todos preferem não vê. Um tempo nosso? É provável.

Um tempo situado entre a fugacidade e o excesso. Em sua obra, propositalmente, os objetos, troféus valiosos de uma sociedade de consumo, perdem o valor, exatamente, porque se tornam supérfluos - o que provavelmente sempre tenham sido - diante do desespero da sobrevivência que se situa muito além do possuir. O autor arrasta-nos para um olhar sobre nós mesmo. Talvez, desafiando-nos a pensar sobre que humanidade somos nós. Ensaio Sobre a Cegueira é um exercício para refletirmos sobre nosso tempo, e quem sabe, um alerta para ensaiarmos um olhar para nós e para o outro.

Os personagens de Saramago mal podiam dormir porque era como se estivessem mergulhados em um imenso rio de Luz, talvez em Lete, o mitológico rio grego do esquecimento. Assim como o personagem Borgeano é provável que estivessem cegos pelo excesso, mas nesse caso, principalmente, pelo obscurantismo da indiferença.

Este, talvez seja o maior desafio colocado a nós historiadores contemporâneos: a superação do olhar da indiferença para nosso próprio tempo. Embora, estejamos vivemos um momento no qual quase todas as situações e eventos não pareçam nos causar espanto e terem perdido a aura de significação em nossas estruturas de sentimentos, para citar Raymond Williams, é preciso lembrar que a memória e o esquecimento nos povoam e são necessários principalmente porque a partir deles significamos nossas experiências subjetivas, sociais e culturais, portanto, é preciso não nos acostumar com o excesso que banaliza e cega.

## **Bibliografia**

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BODEI, Remo. *A História tem um Sentido?* Bauru - São Paulo: Edusc, 2001.

\_\_\_\_\_. *Livro da Memória e da Esperança*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2004.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte. Ed UFMG. 2007.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasileira, 1996.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Campinas, Revista Opinião Pública, vol VIII, no. 1, 2002.pp. 40-53.

\_\_\_\_\_. *Diferente, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2007.

CATROGA, Fernando. *Memória e História* in PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteira do Milênio*. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001.

HARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Capturado da Internet em 8/05/2006 no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.

HALL, Stuart. *Da Diáspora – identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2006.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Edita Contexto, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

NORA, Pierre. *O Retorno do Fato* in NORA & LÊ GOFF. *Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. *Entre Memória e História – a problemática dos lugares*. São Paulo, Rev. Projeto História/PUC vol. 10, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRS, 2001

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III, São Paulo: Papyrus Editora, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI – no loop da montanha-russa*. São Paulo. Cia das Letras. 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.